

## “Alien: Covenant” mescla horror com duelo de andróides

**SÃO PAULO (Reuters)** - De várias maneiras, a ficção científica “*Alien: Covenant*”, do **Ridley Scott**, pode ser visto como um comentário simbólico sobre nossos tempos. Talvez até mesmo à sua revelia. Retomando personagens criados pela dupla **Dan O’Bannon** e **Ronald Shusett**, com roteiro do **John Logan** e do **Dante Harper**, explora-se a história de uma semente do mal propagada, incubada e levada a invadir corpos até de pessoas boas, talentosas e bem-intencionadas. Esse é o plano de um ser não exatamente humano, embora guarde toda a imagem e semelhança com um. Evidentemente, sabe-se que desde “*Alien, o Oitavo Passageiro*” (1979), do qual este filme é a segunda parte, que algo deu tremendamente errado neste plano com aparência de perfeição programada, a partir de uma busca da criação com total controle.

Nesta fantasia gótica, há muitas referências indiretas ao nazismo. Daí, a preferência de um dos personagens pela (bela) música de **Richard Wagner**. Na verdade, essa dimensão cósmico-histórica do roteiro é um dos aspectos mais interessantes, ousados e estimulantes de uma obra que, afinal, poderia não passar de uma aventura. Há momentos suficientes para lembrar que se trata também de um filme de gênero que busca o entretenimento e não teme o horror de algumas situações. Há uma tentativa de replicar a figura da inesquecível *tenente Ripley* (**Sigourney Weaver**) da saga “*Alien*” através da capitã *Daniels* (**Katherine Waterston**). Ou seja, uma mulher, líder e sem perder a ternura. Mas as perdas assinalam também o caminho de outros personagens, empatando o jogo e mantendo à tona um mínimo de identificação humana da plateia com eles.

A contraposição vai ser o jogo entre dois andróides, ambos interpretados pelo **Michael Fassbender**, defendendo o personagem mais complexo da trama, *David*. Este é moldado à perfeição a partir da estátua do **Michelangelo**. É versado na música clássica e na poesia romântica inglesa, mas também é uma esfinge de contradições. Essas características lhe permitem jogar contra o *Walter*, o outro andróide. Fixa-se, assim, o duelo mais complexo do filme. O confronto entre o **Bem** e o **Mal**. Interpretados pelo mesmo ator, os dois são como a dupla face do **Jano**, que, na mitologia romana, tem duas faces e está associado a todos os começos. E *David*, certamente, está à altura de outro andróide inesquecível, *Roy Batty* (**Rutger Hauer**), do “*Blade Runner, O Caçador de Andróides*” (1982). Produzindo e dirigindo mais uma vez um filme da saga que tem a sua marca, **Ridley Scott**, às vésperas dos 80 anos, a serem completados em novembro, mostra-se à altura do desafio. Realizou um filme que entretém. Ninguém fica entediado com a sua duração (**122** minutos).

(Por Neusa Barbosa, do Cineweb)